

«O crime e a prova»

A cruz verde apareceu ao fundo da Rua Comandante Aniceto do Rosário assim que Joaquim Peixoto virou a esquina.

Como já lhe acontecia desde há uns tempos sempre que via um sinal de farmácia, estremeceu-lhe ligeiramente o coração no peito, e as mãos crispavam-se-lhe dentro dos bolsos.

Reteve a respiração por uma fracção de segundo, à espera que lhe passasse o prenúncio de tontura que costumava visitá-lo com frequência quando aparecia no seu campo de visão uma cruz verde com uma serpente ao centro, recortada contra um círculo branco.

As farmácias eram o sítio dentro do qual existia Paxilfar.

Quando foi inicialmente lançado no mercado, o Paxilfar era considerado um simples analgésico para crises agudas. Até se comprava sem receita. Joaquim Peixoto ainda se lembrava de entrar sem qualquer sobressalto na Farmácia Corvelo da Rebelva e pedir em voz alta, diante de toda a gente, uma caixa de Migraleve e três caixas de Paxilfar. O senhor Ambrósio sorria, alinhava os medicamentos solicitados em cima do balcão, ia conversando com ele disto e daquilo, metia tudo num saquinho, e no fim entregava-lhe a factura e o troco.

De vez em quando perguntava se o doutor Quim não preferia arranjar uma receita e depois ir lá entregá-la mais tarde, mas era só para o simpático jornalista de olhos tristes poder meter ao bolso o dinheiro da comparticipação.

Chegava a ir comprar Paxilfar com a Catarina Eufémia ao seu lado, resguardada pelos headphones. Uma adolescente promissora, com doze anos e cinco argolas no lóbulo da orelha. Uma visão que despertava nas senhoras reformadas, sentadas à espera de vez nas cadeiras pintadas de branco alinhadas ao lado da balança e da máquina de medir a tensão arterial, umas manifestações mais ou menos discretas de um qualquer misto de excitação

com reprovação. Uma barriga tão lisinha. Um olhar tão ausente. Um tempo tão mudado, mas tão mudado, tão imensamente e assustadoramente outro.

Vens comigo sim senhor.

Porque eu sou o teu pai e estou-te a dizer para vires comigo.

Catarina Eufémia estava quase a fazer treze anos, e agora evitava declaradamente olhar sequer para o pai, quando o senhor Ambrósio pôs à mesma o Paxilfar em cima do balcão. Mas, de repente, estava muito sério. E esperou que não estivesse reformada nenhuma à espera de vez nas cadeiras brancas para baixar a voz, e pedir a Joaquim Peixoto que tivesse cuidado.

É expressamente proibido vender isto sem receita, doutor Quim. Eu por mim ainda posso aviar-lhe umas assim à balda de vez em quando, mas não podem ser tantas de cada vez. Nem pode ser à frente das outras pessoas.

Mas isto nunca teve problema nenhum.

Pois não. Mas agora tem.

Joaquim Peixoto percebeu imediatamente que, naquele preciso instante, a sua vida acabava de tornar-se muito mais complicada.

Por essa altura, já nem conseguia lembrar-se de quando fora o último dia em que não tomara Paxilfar. Qualquer médico a que tentasse recorrer perceberia em pouco tempo que ele não sofria de dores crónicas nenhuma que justificassem o abuso do narcótico. E, desta vez, dava para pressentir que ia ser mesmo muito difícil convencer Bárbara Emília a pedir receitas daquilo ao tal de Frederico Guilherme, mesmo tendo em conta a solicitude dela nesta frente específica. Aliás, o verdadeiro problema nem seria ela pedir-lhas. O mais provável, por muito que ela pedisse, era que ele não as passasse.

Pior um pouco, provavelmente até explicava porquê.

Estou feito.

A idade da inocência dos primeiros tempos de venda ao público acabou quando o medicamento começou a ser muito procurado no mercado negro, à medida que foi ganhando a sua justa fama de ser dos raríssimos fármacos que permitem aos heroinómanos não sentirem de forma tão insuportável as dores das síndromas de privação. Porque, dizia-se nos meios, aquilo é pura e simplesmente um derivado sintético da morfina. Bom, ou qualquer coisa assim. Para os consumidores compulsivos, a composição química era de somenos importância. O que interessava era o resultado.

Enquanto durava o seu efeito, o Paxilfar deixava Joaquim Peixoto protegido dentro de uma bolha invisível, que suavizava o impacto entre ele e o mundo. Fazia tudo parecer mais simples e mais doce. Era como uma almofadinha de ar a amortecer todos os choques vindos do exterior e do interior,

uma invasão gradual de paz que aos poucos lhe amortecia os sentidos e lhe isolava o cérebro do excesso de ruído do mundo.

Era bom.

Para Joaquim Peixoto, já há mais de três anos que era mesmo a única coisa que o mantinha funcional.

Com o seu longo treino na matéria, conhecia bastantes truques para sacar receitas médicas sem ter que dar a cara. Mas, desde que aqueles comprimidos adquiriram conotações tão sinistras que algumas farmácias preferiam nem sequer tê-los para venda ao público, arranjar receitas de Paxilfar passou a ser uma tarefa cada vez mais espinhosa.

Às vezes, Joaquim Peixoto não conseguia apanhar a mãe ao telefone durante vários dias, porque ela passava cada vez mais tempo nas assembleias da Igreja Universal do Reino de Deus da Zona de Queluz e Belas. Às vezes, o médico do Pólo do Bombarral da Universidade Livre Agostinho da Silva, que só lá aparecia para passar receitas e nunca perdia tempo a fazer perguntas, dava-se ao luxo de estar meses seguidos sem dar sinais de vida. Às vezes, os dois ou três médicos porreiros, descobertos através dos antigos contactos da Rádio Liberdade, aqueles que costumavam encolher os ombros e dar-lhe o que ele queria com um olhar de reprovação, ou estavam de férias ou estavam em congressos na Austrália, ou então pura e simplesmente tinham mais que fazer que atender os telemóveis, ou responder aos recados cada vez mais ansiosos que ele ia deixando às secretárias dos consultórios. Às vezes, já há demasiados meses que não tinha a sorte de passar por uma farmácia tranquila de província, num sítio suficientemente remoto para ainda não ter lá chegado a notícia do mau nome do Paxilfar. Essas farmácias, aliás, eram cada vez mais raras.

Na manhã em que começou a descer a Rua Comandante Aniceto do Rosário, já todos os dias de Joaquim Peixoto tinham obrigatoriamente que ser preenchidos por considerações, diligências, e cuidados, destinados a manter assegurada a sua razão de narcótico. Certificar-se de que tinha pelo menos uma caixa em casa, e outra na gaveta de cima da secretária que partilhava com os três colegas do curso de Comunicação Social do Pólo do Bombarral da Universidade Livre Agostinho da Silva. Pensar quem seria o médico novo, ou distraído ou benevolente, a quem poderia pedir a próxima receita. Pedir mais à mãe. Pedir mais, só mais uma caixa de cada vez, à estudante obesa de psiquiatria que morava no andar de baixo, e que em troca ele tinha que aturar até altas horas da noite a desabafar as suas mágoas sobre o caso do professor velho que era muito querido e lhe oferecia muita protecção, mas que em troca exigia fidelidade absoluta e já não dava duas para a caixa

há muitos anos. Ir regularmente a um osteopata francês que exercia em Martarraque, para que ele o fizesse gritar de dor a puxar-lhe os ossos e os tendões para um lado e para o outro, e em compensação no fim lhe desse uma carteira com duas ou três sobras, só para esse dia. Às vezes apetecia-lhe ser atropelado por um autocarro, só para o encharcaram em morfina sem ele precisar de pedir nada.

E, mesmo assim, havia momentos de pânico em que todos estes expedientes não chegavam para o abastecimento.

Nessa manhã, por exemplo, estava sem um único Paxilfar no bolso.

Ainda por cima, já sentia claramente nos pés, nas pernas, no pescoço, o desconforto muscular que a falta do medicamento lhe trazia. Uma espécie de calor exasperante nos ossos. Como uma prensa a esmagar-lhe as articulações.

E tinha razões de sobra para acreditar que, mesmo com o socorro de bastante Paxilfar, aquela manhã ia ser dura.

Tinha que ir a Algés encontrar-se com Sebastião Curto, por causa de um telefonema misterioso recebido na véspera. Qualquer coisa relacionada com um crime horrível onde três pessoas tinham sido baleadas dentro da sua vivenda em Mafra, e com umas fotos exclusivas sacadas à pressa pelo homem batido que tinha sempre a sua câmara chamada Sónia Maria a postos, pronto a assestá-la às surpresas do dia para depois imortalizar visões estranhas nas revistas.

Joaquim Peixoto não via o antigo camarada da revista *Actualidades* há vários anos. Por junto, sabia que o fotógrafo às tantas se estabeleceu antes por conta própria, inaugurando na net um site que não era bem pornográfico mas era qualquer coisa desse género, e que se chamava *www.gajanus.pt*. Segundo Sebastião Curto, esta mudança de agulha devia-se à bandalheira crescente que campeava na Comunicação Social, que estava toda tão comprada e tão vendida que já não dava gozo pertencer aos seus contingentes.

Os jornalistas até já deixaram de ser jornalistas, Quim.

Agora há imensos putos que saem dos cursos e vão mas é trabalhar como produtores de conteúdos.

Produtores de conteúdos, estás a ver?

Quer dizer que não têm código deontológico, não têm ética, não precisam de observar quaisquer princípios, não possuem carteira profissional e portanto não têm as obrigações cívicas ditadas pelo sindicato, e pura e simplesmente escrevem o que o patrão manda escrever. E, se não escreverem, vão para a rua, porque há sempre mais putos à espera de vez. E, ao menos,

nesses casos o jogo é mais ou menos limpo. Mas e o que vai para aí de publicidade subliminar em publicações supostamente sérias? Não, desculpa, isto não é para mim. Caraças, Quim, é mil vezes mais limpo oferecer gajas nuas ao povo. Aliás, também não é a Actualidades que, agora, semana sim semana não, tem gajas nuas na capa, a pretexto de uns considerandos sociais sem vergonha? Então olha, pronto, ao menos no departamento dos nus por conta própria ganho que chegue para poder fazer o que me apetece. E sempre faço arte. Pelo menos, tento.

Fez uma pausa dramática.

Mas agora, meu menino, se quiseres juntar aos meus os teus esforços, ainda por cima posso fazer uma data de massa.

Veio de lá outra pausa.

E tu também.

Seguiu-se uma fracção de segundo para acender um cigarro.

Ouve-me só isto.

A história começou com um suspiro de homem cansado.

Ontem à noite houve um gajo muito importante, estás a ver, desses mesmo do establishment, respeitadíssimo, finérrimo, com bons contactos em tudo com que é sítio, bem, topas a pinta do animal. Pois esse mesmo senhor ontem deu um tiro na mulher, deu um tiro no filho, e depois deu um tiro em si próprio. E já estão a querer limpar-lhe o nome, ouviste. Bem, longa história, meu querubim. É assim. Eu tenho fotos. Tu já foste jornalista, e ainda podes voltar a ser. Temos que ser muito rápidos, e sobretudo muito discretos. Daqui a uma semana, isto já não é notícia. Alinhas?

Joaquim Peixoto não fazia ideia de que história era aquela, tal como não fazia ideia do que devia esperar encontrar em Algés quando voltasse a ver a cara do fotógrafo que, dezassete anos antes, tinha ido com ele a Beja fazer uma reportagem sobre um crime de somenos importância.

Ainda por cima, ouviu aquele discurso todo do Sebastião com a consciência já substancialmente toldada por vários Lexotans e muito álcool.

Tinha-se visto e desejado para sair da cama de manhã.

Era sábado, portanto não era preciso apanhar a camioneta para ir tentar dar aulas de Comunicação Social aos seus alunos desinteressados. Na noite anterior, o plano do professor era ficar a beber e a fazer zapping até adormecer no sofá. E tudo isto no mais absoluto dos silêncios.

Sebastião Curto ligara-lhe tarde, e, ainda por cima, agora tinha-o obrigado a levantar-se cedo.

Já ia a descer a Rua Comandante Aniceto do Rosário, e ainda não sabia bem de que terra era.